



Un neno palestino sentado entre os cascallos dun edificio destruído, tras un ataque aéreo israelí no sur de Gaza.

Abed Rahim Khatib

## —Análise

# A memória palestina em galego



**Victorino Pérez Prieto**

Escritor

As imaxes de morte e destrución en Palestina golpeiam os nosos ollos e o noso corazón cada día, a cada momento, com tanta forza que non é doado escribir de outra coisa. Os nosos pequenos e grandes problemas de cada día, na casa e na rua, as cuestións sociais e nacionais, são bem pouca coisa ante esta apocalipse de destrución dum povo que, ademais dum genocídio que seguimos quase em direto, é uma limpeza étnica que semelha seguir o anti-semitismo nazi. Até as ferozes imaxes da guerra de Ucrânia, ou de Sudán, Somalia e Yemense nos quedam curtas ante os 20.000 mortos em dois

meses, entre os enterrados e os esmagados que estão baixo os cascalhos; e o mais arrepiante: as 7.000 crianças. Custa-nos que a impotência que sentimos ante a violência inmisericorde dos sionistas judeus não se converta em ódio ao invasor; que o anti-sionismo com razões políticas e humanitárias não devenida anti-semitismo, pois o ódio significa entrar numa espiral de violência que nos destrói a nós mesmos. "Cada um de nós está a ser julgado espiritual e eticamente a través do espelho da Terra prometida", escrevia Ramón Grosfoguel em *Nós Diario*. Mas já não nos quedam forças para seguir berrando com convicção como há anos "Palestina vencerá".

Por isso, a leitura da novela *O azul entre o ceo a auga*, da escritora palestina Susan Abulhawa, resultou-me atual e particularmente emotiva. O romance foi publicado no 2015 em inglês, e ao ano seguinte em espanhol e noutras 20 línguas mais; agora em galego na tradución de Rocio Viéitez (Laivento). Duas mulheres para dar-nos uma magistral história de mulheres, entre a dureza e a ternura, estarecedora,

— 'O azul entre o ceo a auga' é uma visão crua, mas luminosa, do trauma político e pessoal dos palestinos

mas cheia de humor, e, sobretudo, de resiliência. Uma visão crua, mas luminosa, do trauma político e pessoal dos palestinos.

### Unidas pela tragédia

*O azul entre o ceo a auga* é o relato de várias gerações unidas pela tragédia, tanto em terra palestina coma norte-americana. A saga da família Baraka, entre 1947 e 2015; desde as duas irmãs Nazmiyah e Mariam, Alwam —filha de Nazmiyah— e a sua neta Rhet Shel, até Nur, nascida em USA mas que busca retornar às suas raízes gazatíes. Desde o começo vemos a atualidade do romance. Esta família vive pacificamente num pequeno povo palestino de origem milenária: Beit Daras, a 32 quilómetros no noroeste de Gaza; mas no 1948, a milícia sionista Haganah, destruiu o povo, assassina muitos palestinos e obriga os que quedam a fugir a Gaza. Este povo já não existe nem no mapa, mas para os palestinos esta massacre é um símbolo na Nakba: "O meu fogar é Beit Daras", escreve o jornalista palestino Ramzy Baroud.

Nazmiyah lembra a dureza de aquel ataque "destes novos solda-

dos conquistadores ebríos dunha antiga virulencia que mesturaba a cobiza co poder de Deus", (58). E lemos o estarecedor relato da sua violación, co assassinato da sua irmázinha Mariam simplemente porque os soldados não conseguiram que ela berrara quando a estavam a violar. "Os soldados entraron e saíron do seu corpo, arricándolle a vida"; mas o espírito da sua irmázinha diz-lhe: "Algún día, todo isto rematará. Non haberá máis horas, nin soldados [...] O único que importará será este amor". Mariam será botada à fogueira com uma moreia de palestinos mais (65-67). Talmente os nazis.

### Continuar adiante

Vinte anos depois, na Guerra dos seis días (1967), "unha nova xeración de soldados sionistas" volve a Gaza do seu triunfo contra Egipto, "un militarismo malévolo [...] infectado de poder e recuberto da suciedade da invasión". O homem e os fillos maiores de Nazmiyah são detidos; mais humilhação para o povo palestino, "uma nova rabia e um medo reavivado", (90-91). Um dos seus fillos, berra aos soldados: "Disparade! As vosas balas non podem tocar a minha alma! Non podem arrincar as minhas raíces do chan desta terra que cobizades!".

E quarenta anos depois (2008), o bombardeo israeli de Gaza era "un silencio que fitaba a um abismo mentres enterraban os seus mortos [...] A esperanza parecia vulgar nesta hora [...] Pero depois de enterrar aos mortos e de que caesen todas as bágoas, o tempo diluíuse ata converterse nun líquido sobre Gaza", (215-219). A violência sionista seguiu, mesmo matando gratuitamente crianças: "Nunca antes vira a soldados atraer a nenos coma ratos a una trampa e asinalos por deporte", (281), uma cita que Susan Abulhawa toma de *A Gaza Diary*, do colega Chris Hedges. Pero Nazmiyah ensina à sua sobrinha-neta Nur "como seguir adiante sen a amargura corrosiva que produce a rabia impotente" (287).

Remato estas linhas alentando o povo palestino com os versos de Celso Emilio: "Pode o corpo ser vencido,/ pode o dereito ser torto,/ mais o lume que alampea/ xamais o veredes morto", (*Cimenterio privado*).